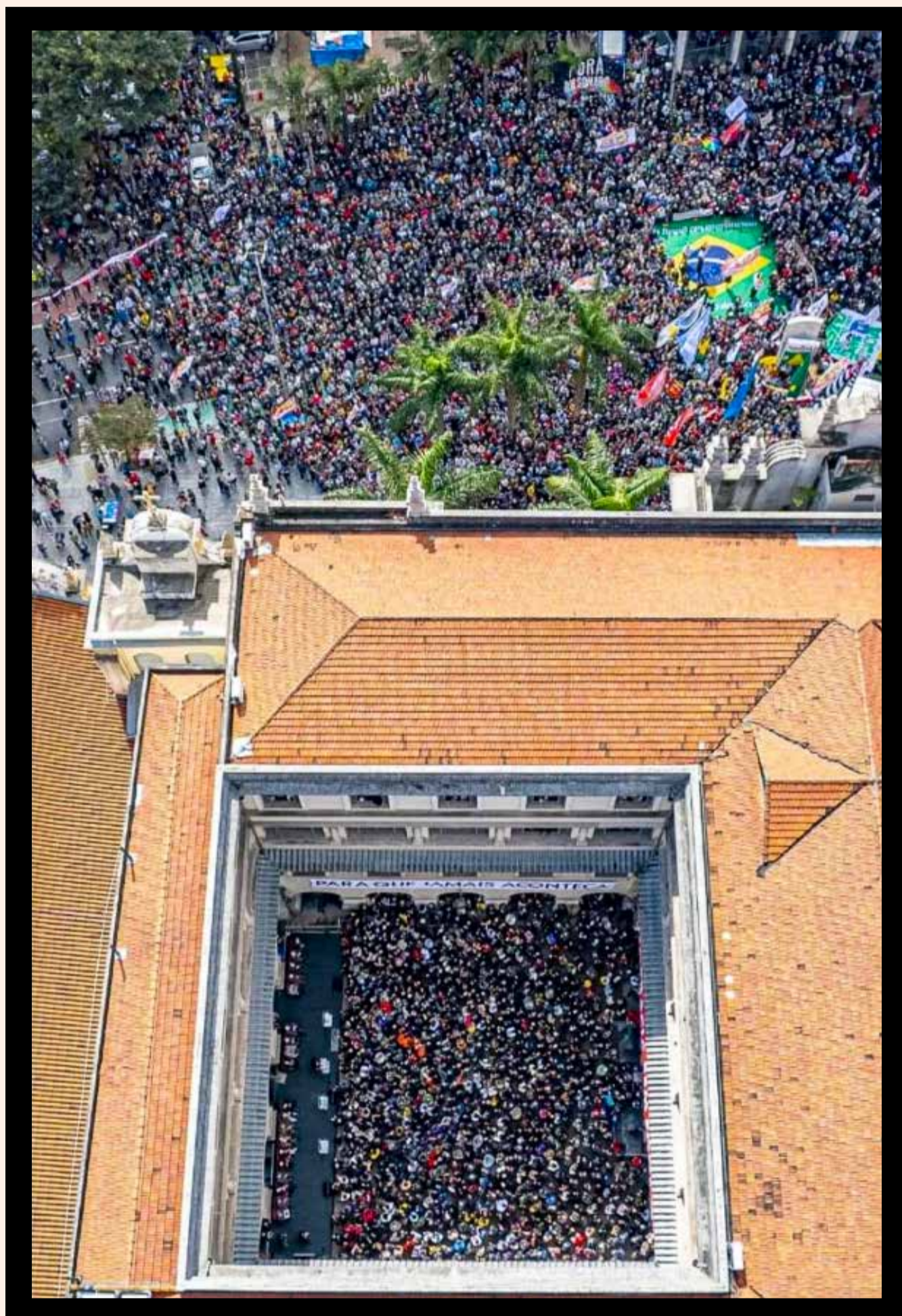


AduFRJ

1240 • 12 de agosto de 2022 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



**QUEM DEFENDE A
UNIVERSIDADE
LUTA PELA
DEMOCRACIA**

ARTIGO

CAR@ COLEGA

JOÃO TORRES

Presidente da AdUFRJ

A cidade de Leiden estava em ruínas após a longa guerra dos oitenta anos entre os Países Baixos e a Espanha. Um terço da cidade morreu de fome ou de doenças. O príncipe Guilherme de Orange precisava abrir negociações com a Espanha e se legitimar diante das províncias separatistas. E, em dezembro de 1574, numa visita à cidade arrasada, anunciou que criaria o que hoje é a Universidade de Leiden. A comunidade levou o projeto a sério e, seis semanas depois, a universidade foi inaugurada.

Esse espírito criativo, comprometido com a Ciência e a Educação, tornou a Holanda uma grande potência na Ciência e na Arte. Ainda no século XVI, há inovações espetaculares na indústria náutica holandesa. No século XVII, as artes floresceram, com Rembrandt e Van Dyck. A luneta e o microscópio foram inventados na Holanda. Leeuwenhoek lançou as bases da Microbiologia. Isso para não falar de Espinosa e outros. Retomo aqui essa história para lembrar que a criação de uma universidade provocou o renascimento de uma cidade devastada.

E isso é deveras auspicioso se olharmos para o Brasil de hoje. Vivemos a antítese da Holanda de 1574: para destruir o país, para desmontar o que já foi motivo de orgulho para os brasileiros — a nossa tradição em vacinas, o nosso sistema eleitoral, o SUS, a floresta amazônica e vários outros — o atual governo sufoca a universidade. A penúria das instituições federais de ensino é um projeto do governo, e se mostra como a antítese do projeto de Guilherme de Orange.

Desde o início da gestão Bolsonaro, em 2018, há um embate com as universidades públicas. O bolsonarismo defende a tese de que as universidades são a ponta de lança da chamada guerra cultural. Seus ideólogos — se é que podemos chamá-los assim — acreditam que as universidades são lugares de disseminação do comunismo, do "gayzismo", que plantamos maconha em grande escala e outras bobagens que insuflam a base da extrema-direita.

Devemos lembrar que estudantes e professores protagonizaram grandes embates contra o governo. Por exemplo, o 15M de 2019 contra os cortes na educação mobilizou centenas de milhares de jovens.

No entanto, estamos observando que a Física não vale para a política. Se para cada ação corresponde uma reação, não

há como entender as reações no Brasil de hoje. Em 2014, sem entrar no mérito dos erros e acertos do governo Dilma, uma parte considerável das forças progressistas foi para a rua protestar contra o governo. Eu sei que a política não é a terceira lei de Newton, mas não consigo me conformar com o que está acontecendo hoje, com as reações que articulamos, quando penso em 2014!

E como a universidade tem sido uma das instituições mais atacadas nesta onda conservadora, me parece que a nossa reação tem sido, sim, muito desproporcional à gravidade do momento. De forma nenhuma faço uma acusação, apenas partilho a minha perplexidade.

É óbvio que por lutar não me refiro a esvaziar a universidade por três meses numa greve confortável, gastando nosso capital simbólico diante da população. Ao contrário. O momento requer uma universidade viva, pulsante, e sua pujança precisa ser um espinho no corpo do conservadorismo.

Nossa ação tem que ser generosa, não há espaço para sectarismos. Na realidade, precisamos de uma reação e de uma ação muito consequente. Há exemplos recentes para isso bem perto de nós, no Chile, com a vitória de Gabriel Boric, e na Colômbia, com a de Gustavo Petro. É preciso alcançar algo semelhante no Brasil: a vitória de forças progressistas que pregam um reformismo social moderado contra a extrema-direita. É apenas isto que está em pauta, é o que as condições objetivas nos impõem!

E sendo apenas um rapaz latino-americano com algum dinheiro no bolso — corrigindo, um senhor latino-americano —, eu encaro as Forças Armadas dos Estados Unidos com muita desconfiança. Mas somos forçados a reconhecer que lá, nos EUA, as Forças Armadas sustentaram a democracia e não embarcaram em aventuras golpistas. Não é claro que poderemos falar o mesmo aqui em 2023. E, se nossas Forças Armadas falham no suporte aos valores republicanos, outras instituições têm que compensar! Volto a afirmar: a universidade precisa fazer mais. A Andifes precisa fazer mais, a AdUFRJ precisa fazer mais, o Andes precisa fazer mais, a APG, a UNE e a UEE precisam fazer mais, os DCEs e os CAS precisam fazer mais!

Que a leitura da Carta da Democracia impulse todas as forças democráticas no Brasil inteiro a fazer mais, que impulse a todos nós a fazer mais, a colocar a nossa ação e reação à altura do momento histórico que estamos vivenciando e construindo! E quem sabe assim teremos nossas universidades florescendo de novo!

ADUFRJ FIRMA CONVÊNIO COM DROGARIAS RAIÁ

Os professores sindicalizados já podem se beneficiar de um novo convênio da AdUFRJ, firmado com a rede de drogarias Raia. Há descontos a partir de 15%, válidos online e nas lojas físicas, em medicamentos genéricos e tarjados e artigos de perfumaria. "É um serviço que todo mundo usa, então esperamos atender grande parte dos associados da AdUFRJ", diz a diretora Karine Verdoorn.

Para ativar o desconto, basta acessar o site www.drogaria.com.br, fazer o cadastro com o CPF e acessar a aba "meus benefícios". Dependendo do laboratório



do medicamento, a redução pode chegar a até 30% do valor. "Temos buscado co-

brir diferentes áreas através dos convênios. E saúde e bem-estar representam uma

área muito importante para os nossos associados", completa Karine.

Caso o professor já tenha um plano de saúde que ofereça desconto na Raia, o menor valor da compra prevalece. "Vários professores não têm plano de saúde, então este convênio oferece um ótimo benefício", diz Meriane dos Santos Paula, funcionária responsável pelo setor dos convênios. "Para vários professores que utilizem o convênio uma, duas ou três vezes, o desconto chega muito próximo ou até se equipara ao valor da contribuição mensal ao sindicato", explica. (Estela Magalhães)

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

CLUB PET

MAPLE BEAR TIJUCA

MIT CUIDADORES

ACADEMIA TIJUCA FIT

MADONA CLINIC

Psicare PSICARE

FISIOTERAPIA RJ LTDA

CRECHE AMANHECENDO

CRECHE ESCOLA RECRIAR

CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS

ROÇA URBANA ORGÂNICOS

JC LUZ CORRETORA

FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL

BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS

MACAÉ ESCOLA ALFA

CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL

HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR

MAIS FITNESS ACADEMIA

CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

INSPIRE ENERGIA SOLAR

KALUNGA PAPELARIA

RIO DE JANEIRO E MACAÉ

INSPIRE ENERGIA SOLAR

KALUNGA PAPELARIA

UFRJ se une para garantir liberdades democráticas

> Em ato político realizado no pilotis do Centro de Tecnologia, professores, estudantes e técnicos leram a Carta pela Democracia e defenderam a universidade pública e as eleições livres

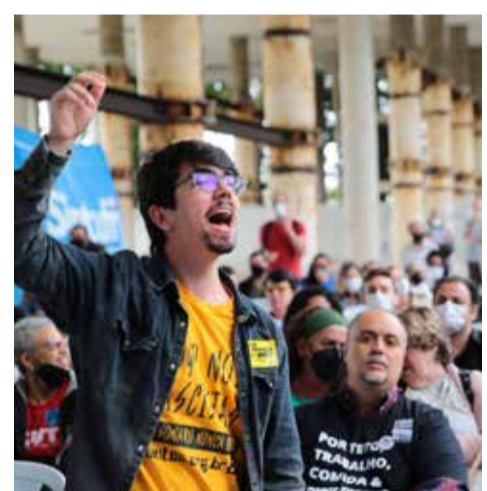
KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

Com coragem e unidade, a UFRJ atendeu ao chamado nacional em defesa da democracia. Na quinta-feira, 11, professores, técnicos e estudantes leram a Carta pela Democracia e cobraram eleições livres em outubro. O movimento encheu o pilotis do CT e foi organizado pela AdUFRJ, Sintufrrj, APG e DCE, em sintonia com as manifestações de todo o país.

A Carta foi lida por estudantes, docentes e técnicos. O revezamento entre os leitores se repetiu em todo o país, sob a liderança da Faculdade de Direito da USP, grande idealizadora do movimento. O documento já ultrapassou um milhão de assinaturas.

"Que a leitura da carta da democracia impulse as forças democráticas no Brasil a fazer mais. Que impulse todos nós a fazer mais, a colocar a nossa ação e reação à altura do momento histórico que vive-



FOTOS: FERNANDO SOUZA

UNIDADE. Presidente da AdUFRJ lê a Carta pela Democracia junto com diretores do Sintufrrj, DCE e APG

mos, afirmou o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, na reunião do Consumi que antecedeu a leitura da Carta. "E quem sabe assim teremos nossas universidades florescendo de novo", completou.

As universidades conhecem bem o valor da democracia, diante do desrespeito sofrido no governo Bolsonaro. "Neste momento, há cerca de 20 universidades onde o reitor eleito não foi empossado", disse a reitora Denise Pires de Carvalho. "Sabemos que somente através do Estado democrático de direito conseguiremos a nação soberana para as futuras gerações".

São jovens como Natália Trindade, da Associação de Pós-



-graduandos, que desejam esta nação soberana. "As eleições de outubro serão plebiscitárias. Quem hoje dirige o país acredita que a universidade deva acabar", avaliou.

Coordenador geral do Sintufrrj,

Esteban Crescente pediu mobilização. "Não há outro caminho até 2 de outubro que não seja ir para a rua e resistir".

PRINCÍPIO FUNDAMENTAL A Faculdade Nacional de Direi-

to, com longo currículo de resistência em defesa das liberdades democráticas, não poderia faltar ao ato da UFRJ. Diretor da unidade, o professor Carlos Bolonha enfatizou que o Estado democrático de direito sequer deveria estar em discussão. "É um princípio fundamental absoluto".

O dirigente leu uma moção da Congregação da FND com integral apoio à Justiça Eleitoral. "Nesta encruzilhada histórica, esta Faculdade convoca a todas e todos que defendem o Estado Democrático de Direito a lutar pela soberania popular, inibindo, assim, qualquer tentativa de dilapidação das conquistas democráticas do povo brasileiro", diz o documento.

No 11 de agosto, que é o Dia Nacional dos Estudantes, o DCE da UFRJ também prometeu resistir. "Bolsonaro dá declarações de que não aceitará o resultado das urnas. Ataca o Supremo Tribunal Federal. Articula com militares sua permanência por meio de um golpe. Essa história nós já conhecemos. E nós já conhecemos o que não permitirá que a democracia seja apunhalada: mobilização popular nas ruas para barrar o fascismo", disse Lucas Peruzzi, coordenador-geral do DCE. "Nossa bandeira carrega o nome de Mário Prata, que decidiu ser resistência nos momentos mais sombrios da nossa história. Hoje honraremos este legado para dizer que não aceitamos o governo da fome e da miséria. Não permitiremos que os golpistas assassinem a nossa democracia", concluiu.

VICE-REITOR: "NÃO VAMOS FECHAR. DEVEMOS ISSO AO POVO BRASILEIRO"

"Nós não vamos fechar, porque devemos isso ao povo brasileiro. Somos uma das luzes que existem na sociedade", disse o vice-reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha, na reunião especial do Conselho Universitário que antecedeu o ato político de leitura da carta pela democracia. A sessão tinha como ponto único a discussão da grave situação financeira da UFRJ. "Hoje temos cerca de 40% do orçamento que tínhamos em 2012. Estamos no limite do limite", completou.

O dirigente, docente do Instituto de Economia, criticou o teto de gastos públicos. O dispositivo limita as despesas do Estado, mesmo com o governo batendo recordes de arrecadação. "Nenhum país do mundo em nenhu-



ma situação adotou uma prática como o teto de gastos. É a coisa mais danosa que pode ser feita na história da humanidade. E só foi possível num momento de suspensão da democracia, com um presidente que não foi

eleito", disse em referência ao ex-presidente Michel Temer. O pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp, expôs o caráter inédito da crise atual. "É a primeira vez que temos um corte com o orçamento já em



aplicação. Não tivemos como planejar, reduzir contratos. No momento do corte, a UFRJ já tinha 90% do seu orçamento comprometido com fornecedores", informou. "Só temos cobertura orçamentária até meados

do mês que vem", disse. O Consumi aprovou uma carta ao MEC, proposta pelas entidades representativas da UFRJ, por unanimidade. O documento reivindica a reconstrução do orçamento da universidade.

Nas ruas e nas urnas, com a força da esperança

>Manifestação na Candelária reuniu mais de três mil pessoas de todas as gerações. Mais velhos e mais novos condenaram, em uníssono, o retorno ao autoritarismo. AdUFRJ participou da passeata

ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufjr.org.br

Sob a chuva na Candelária, Clara Davidovich, de 83 anos, e Júlia Brant, de 81, empunhavam o cartaz “Democracia é Liberdade” e uma bandeira do Brasil que dizia “Fora Bolsonaro”. “Nossa mensagem para os estudantes da UFRJ: estamos nas ruas e na chuva hoje para que vocês possam continuar na luta pela democracia”, ensinou Clara. Para elas, que lutaram pela redemocratização durante a ditadura, é muito importante ocupar as ruas neste 11 de agosto. “Eu já era adulta na ditadura, meu marido foi cassado e daí em diante foi só luta. O mal dessa época não pode se repetir, temos que ir para as ruas garantir a democracia!”, conclamou Júlia.

Quase três mil pessoas caminharam da Candelária até a Cinelândia em defesa de eleições democráticas e contra o governo Bolsonaro. A professora Nedir do Espírito Santo, diretora da AdUFRJ, conduziu a faixa da associação. “Jamais imaginei que, num espaço de tempo tão curto, já teríamos uma situação de risco à nossa democracia. Estamos regredindo ao invés de progredir”, ponderou. Ela destacou a preocupação da juventude em ser representada por pessoas eleitas democraticamente. “Caminhamos, jovens, adolescentes e idosos, carregando nossos estandartes sob a chuva. Esperamos que o número de pessoas indo às ruas aumente, porque é isso que retrata o desejo de um povo”, completou.



IFCS TAMBÉM COBROU RESPEITO ÀS ELEIÇÕES

A UFRJ teve sua segunda leitura pública da Carta pela Democracia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, tradicional ponto de concentração da universidade para manifestações no Centro. O diretor da unidade, professor Fernando Santoro, apresentou o texto. “Vamos celebrar esse rito de aclamação do Estado Democrático de Direito repetindo, em todas as nossas vozes, a carta redigida pelos professores de Direito da USP e inscrita por um milhão de brasileiros”, exclamou. Após a leitura, representantes da comunidade acadêmica e da sociedade civil discursaram. “Sabemos que a destruição da universidade é central no

projeto bolsonarista. Apesar da história de violência do nosso país, temos que manter os pequenos avanços da sociedade brasileira e lutar para que eles sejam ampliados”, disse o professor João Torres, presidente da AdUFRJ. “Nós da AdUFRJ apresentamos com a plataforma de apoiar o candidato da frente democrática que tivesse maior viabilidade eleitoral, e é isso que estamos fazendo. Nosso dever democrático é tirar o bolsonarismo do Palácio do Planalto”, completou.

A estudante Dulce Adrieli, coordenadora geral do DCE, destacou a importância do 11 de agosto para a defesa da universidade. “Esta data é dia dos

estudantes, trabalhadores e de todas as pessoas que lutaram para que a UFRJ esteja viva hoje”, disse. “A carta fala de forma muito necessária sobre a importância do voto, mas é com esses atos que colocamos conteúdo na palavra democracia. Democracia são as cotas na graduação, é a esperança, é a construção de pactos sociais que nos possibilita sonhar com dias melhores”, expressou Natália Trindade, da Associação dos Pós-Graduandos da universidade.

Depois do evento no IFCS, os manifestantes seguiram em direção à Candelária para se somar ao ato que reuniu três mil pessoas no Centro.



MOBILIZADAS por mais de 40 entidades da sociedade civil, centenas de pessoas ocuparam o pátio de pilotis da PUC-Rio para participar da leitura do manifesto em defesa da democracia

Ato na PUC teve a marca da resistência à ditadura em 77

> Pátio de pilotis que foi alvo do regime militar no auge da repressão dos anos 1970 foi palco da leitura da nova Carta pela Democracia. Plateia gritou ao final do encontro “Fora, Bolsonaro!”

ALEXANDRE MEDEIROS
alexandre@adufjr.org.br

O pátio de pilotis do Edifício da Amizade da PUC-Rio, cenário de resistência contra a ditadura militar no período mais repressivo dos anos 1970, ficou lotado na manhã da última quinta-feira. Mobilizada por mais de 40 entidades da sociedade civil, a leitura da Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito levou centenas de pessoas ao campus da Gávea, em um

dos mais simbólicos atos do país em defesa da democracia nesse já histórico 11 de agosto. A presidente da Associação de Docentes da PUC-Rio, Alessandra Maia, professora do Departamento de Ciências Sociais, abriu os trabalhos com uma defesa do sistema eleitoral brasileiro. “Esses tempos de ameaças às eleições, às urnas eletrônicas, ao método, à Ciência, ao sistema eleitoral que torna possível o ritual democrático de nosso país há pelo menos 25 anos, explicam um pouco o que nos traz aqui. Há que se respeitar o voto, o resultado das eleições”, disse Alessandra.

Um dos momentos mais emocionantes do ato foi o discurso

do diretor do Departamento de História, professor Marcelo Jasmin. Ele lembrou que era um dos estudantes que, em maio de 1977, ocuparam o mesmo pátio da PUC em plena ditadura para pedir democracia. Eram sete mil pessoas desafiando uma ordem do governo militar, que proibira manifestações estudantis. “Embora helicópteros fizessem voos rasantes aqui nos filmando, ameaçando, intimidando e lançando bombas de gás lacrimogêneo, os pilotis da PUC-Rio se tornaram um local de encontro e de articulação de entidades da sociedade civil em defesa das liberdades democráticas”, recordou Jasmin, muito aplaudido.

Também o vice-reitor da PUC,

professor Augusto Sampaio, enfatizou a importância de realizar o ato em um local de resistência ao autoritarismo. “A PUC sofreu muito com a ditadura. Nosso Diretório Central dos Estudantes se chama Raul Amaro em memória de um ex-aluno nosso que foi assassinado pela ditadura. Quem viveu aquele período sabe a importância de defender o Estado Democrático de Direito”, disse Sampaio. A carta foi lida por professores de diversos departamentos da PUC, além de representantes da Associação dos Funcionários e do DCE. Ao final da leitura, a plateia gritou “Fora, Bolsonaro” e cantou o Hino Nacional. Para o jornalista Octávio Cos-



DEVOLTA AO PALCO

> Após dois anos de edições online, Mostra Mais de Teatro da Escola de Comunicação retorna à Sala Vianninha para encantar o público



FOTOS: FERNANDO SOUZA

INTERDISCIPLINAR. Equipe da Mostra contou com EBA, Música e ECO, Escola de Teatro da UniRio, Escola Técnica Martins Penna e grupos independentes

ISADORA CAMARGO
comunica@adufjr.org.br

Uma fila extensa percorria os corredores da Escola de Comunicação, no fim da tarde de 1º de agosto, quando uma aluna anunciou ao megafone: “Já vai começar”. Pouco depois, com a plateia instalada, a luz apagou. O rosto do ator reluziu o vermelho do holofote. Uma distorção de guitarra tocou ao fundo. Após dois anos de UFRJ fechada, outra noite de espetáculos da Mostra Mais de Teatro começou a encantar o público.

“Estávamos ansiosos. Em janeiro de 2020, estava tudo pronto e tivemos que cancelar, trocar o formato. É maravilhoso estar de volta.” comemorou Erika Neves, produtora da Mostra. O evento é a exposição das peças dirigidas pelos alunos de Direção Teatral, ao longo da disciplina de Direção VI. Ocorre todo ano, ao fim do primeiro semestre letivo. Durante a fase mais aguda da pandemia, em 2020 e 2021, ocorreu de forma remota. “Foi um desafio, e um momento de muito aprendizado, como é o papel da arte, continuar criando possibilidades para um mundo tão devastado”, comentou a professora Eleonora Fábão, que coordena o curso de Direção Teatral.

No retorno aos palcos deste ano, a Mostra lotou os 60 lugares da Sala Vianninha da Escola



de Comunicação, na Praia Vermelha, em quase todas as oito peças apresentadas entre 25 de julho e 5 de agosto. Também houve performances do curso de Dança da UFRJ, convidado especial do dia 3.

A iniciativa também contribuiu para formar um novo público para o teatro. Um dos espectadores, o estudante de Jornalismo Aerton Menezes viu na UFRJ a primeira oportunidade de conhecer esta arte tão de perto. “Tive um primeiro contato na ECO, em uma oficina de Teatro do Oprimido da galera de Direção Teatral. Foi uma experiência muito boa”, disse. “Come-

“**Estávamos ansiosos. Em janeiro de 2020, estava tudo pronto e tivemos que cancelar, trocar o formato. É maravilhoso estar de volta.”**

ERIKA NEVES
Produtora da Mostra

cei a me interessar e soube que, no final dos períodos, o pessoal organiza a Mostra. Fiquei ansioso para que chegasse. Achei muito massa. É algo gratuito, produzido pelos próprios alunos, e de qualidade”.

SABERES EM DIALOGO

A ECO e o Programa de Apoio às Artes da UFRJ (PROART) providenciam a estrutura da Mostra. Já a equipe contou com a participação das escolas de Belas Artes, Música e Comunicação da UFRJ, Escola de Teatro da UniRio, Escola Técnica Martins Penna e grupos independentes. “A gente abre as portas para re-

ceber a comunidade. Juntamos atores e atrizes, amadores e profissionais do Rio de Janeiro inteiro. É um movimento de teatro universitário na cidade, radicalmente interdisciplinar, conectivo e dialógico”, avalia Eleonora. “Essa é a inteligência teatral: colocar saberes em diálogo”.

A Mostra também significa a chance para estudantes de diferentes áreas se envolverem na produção cultural. Sarah Soares, aluna de Rádio e TV na UFRJ, é um exemplo. “Eu vi que a gente poderia participar, sendo de outros cursos. Me interessei pela peça “A Partilha”. Foi muito gratificante, não só pela experiência profissional, mas também por ter conhecido as meninas da equipe”, afirmou. “Gostei muito desse intercâmbio entre os cursos. Todo mundo ganha.”

“A Partilha”, escrita por Miguel Falabella, foi dirigida pela aluna Louise Guima. A comédia conta a história de quatro irmãs que se reencontram para dividir os bens da falecida mãe. “Tenho muita familiaridade com o gênero. Já fiz muito teatro de comédia, mas atuando, nunca tinha dirigido. Senti que seria bom para começar, para uma primeira peça, uma coisa mais leve para mim”. A estudante relacionou sua estreia como diretora com o próprio enredo de “A Partilha”: “Minha equipe foi só de mulheres, então a gente acabou se unindo muito. E é o que a peça fala sobre, partilharmos muita coisa juntas, descobrimos que todas, no fim, têm a mesma família, e viramos uma”.

ENTREVISTA | TEREZINHA MARTA CASTIÑEIRAS / DIRETORA DO NEEDIER-UFRJ

UFRJ PARTICIPARÁ DE ESTUDO NACIONAL SOBRE ‘MONKEYPOX’

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

O Brasil registrou 2.458 casos confirmados de varíola dos macacos até esta sexta-feira (12). No mundo, já são mais de 27 mil. Para avaliar como o país está combatendo a doença e a contribuição da UFRJ, o **Jornal da AdUFRJ** entrevistou a professora Terezinha Marta Castiñeiras, diretora do Núcleo de Enfrentamento e Estudos de Doenças Infecciosas Emergentes e Reemergentes (Needier) da universidade.

Estamos atrasados em relação ao combate ao monkeypox?

Entendemos que seja necessário um esforço concentrado dos gestores, das equipes de saúde, dos pesquisadores e da população. O primeiro passo é reconhecer a magnitude do problema e o seguinte é investir em sua solução. Para o enfrentamento do monkeypox é fundamental que a população esteja adequadamente informada sobre a forma de transmissão do vírus e como minimizar estes riscos. A despeito de toda complexidade, não estamos partindo do zero, já existem recursos estratégicos potenciais, cabe torná-los disponíveis e utilizá-los em bases científicas.

O Ministério da Saúde anunciou a compra do medicamento tecovirimat para combater o monkeypox. Qual sua

avaliação sobre esta medida?

Estudos *in vitro* e em animais de experimentação apontam para o benefício do uso do tecovirimat nas infecções pelos orthopoxvírus em geral. Contudo, não temos conclusões definitivas sobre eficácia e segurança da droga no tratamento específico da infecção humana pelo vírus monkeypox. No contexto de escassez do medicamento para suprir a demanda internacional, é primordial assegurar o atendimento aos indivíduos mais gravemente acometidos. O esforço do Ministério da Saúde é de conseguir um quantitativo mínimo que possa atender aos casos mais críticos. Paralelamente, é também de interesse global e nacional tentar estabelecer, através de estudos multicêntricos bem controlados, as indicações mais precisas do tecovirimat e otimizar o seu uso. A Organização Mun-

FOTOS: REPRODUÇÃO/TWITTER UFRJ



dial da Saúde propôs recentemente um protocolo para um estudo internacional e a expectativa é que o Brasil faça parte desta iniciativa. A nível nacional devem participar alguns centros de referência. A UFRJ deverá participar e, possivelmente, coordenar o estudo.

As gestantes serão público-alvo do estudo?

O estudo atual proposto pela OMS é baseado em um ensaio clínico do tecovirimat que já está em curso na República Democrática do Congo. No referido estudo, estão incluídos adultos e crianças

maiores, mas não gestantes. Dado que as gestantes, assim como as crianças e pessoas imunossuprimidas, são vulneráveis a formas mais graves da doença e não existem dados concretos de benefício e segurança da droga em mulheres grávidas. Um estudo que englobe estas populações tem grande relevância e, por esta razão, está sendo defendido pela OMS.

Qual é o papel da UFRJ na testagem da doença?

No Laboratório de Virologia Molecular do CCS, estamos realizando testagem dos casos suspeitos diretamente atendidos no NEEDIER ou em qualquer outra unidade do Complexo Hospitalar da UFRJ. Adicionalmente, como centro nacional de referência em diagnóstico de monkeypox para o Ministério da Saúde, recebemos na UFRJ encaminhamento de materiais biológicos de pacientes atendidos no estado do Rio de Janeiro, no Espírito Santo e nos estados da região Centro-Oeste. Até o dia 10 de agosto, o laboratório investiga 1.052 pessoas com suspeita de monkeypox, com 906 resultados de PCR liberados e 146 em processamento. Entre os liberados, a taxa de positividade é de 45%.

PAÍS PRECISA AMPLIAR TESTAGEM DA DOENÇA

Apenas cinco dias após a Organização Mundial de Saúde declarar o surto da varíola dos macacos como emergência de saúde pública de importância internacional, a UFRJ realizou um debate especial sobre a doença, em 28 de julho. O “Fala Minerva!” reuniu quatro especialistas para tirar dúvidas da imprensa, da comunidade acadêmica e do público em geral. “Nestes tempos de excesso de informação, é muito importante que nós tenhamos a escolha da informação adequada, da informação que podemos confiar”, disse a reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, na abertura do encontro.

Uma dessas informações é que o país precisa ampliar sua capacidade de testagem para combater o monkeypox. “Do ponto de vista do diagnóstico molecular, a testagem está concentrada em quatro lugares de referência. No caso, a UFRJ; o Adolfo Lutz, em São Paulo; a UFMG; e a Fiocruz. É claro que a gente precisa expandir isso”, afirmou a professora Terezinha Castiñeiras, diretora do Núcleo de Enfrentamento e Estudos de Doenças Infecciosas Emergentes e Reemergentes (Needier/UFRJ). “Mas o grande salto será quando a gente conseguir ter um teste rápido, que promova uma medida rápida de isolamento, de avaliação de contactantes. Afim vamos ter melhores resultados”, completou a docente.



Os especialistas também alertam que não pode haver preconceitos no controle da doença. O vírus hoje está mais espalhado entre homens que fazem sexo com outros homens, mas todas as pessoas de todas as idades estão suscetíveis à varíola dos macacos. “Isso remonta aos anos 80, quando houve o início do HIV. Ficou o estigma de ser uma praga gay. Foi algo completamente errado que só atrapalhou o controle da doença. Se o vírus entra por uma população ou grupo que tem relações entre si, demora a ‘vazar’ para outros”, esclareceu o professor Amílcar Tanuri, chefe do Laboratório de Virologia Molecular do Instituto de Biologia.

O docente observou que o

vírus circulante no Brasil já é diferente dos encontrados na África. “Nosso vírus sofreu uma evolução disruptiva. Ou seja, adquiriu uma mutação drástica. Isso faz com que tenha boa transmissão entre as pessoas e uma letalidade menor, por enquanto. Vamos saber mais a longo prazo”, alertou.

A característica de transmissão por um tempo maior do que outros vírus similares é outra preocupação dos especialistas em relação ao monkeypox, que causa lesões na pele. A infecção ocorre mesmo quando as bolhas do paciente se rompem e dão lugar a crostas. “Na varicela ou catapora, a gente fala que a lesão com crosta já não transmite mais. Neste caso, não.

A fase crostosa desta doença transmite”, explicou o professor Rafael Galliez, da Faculdade de Medicina. Um paciente pode infectar outras pessoas por até 40 dias, aproximadamente. A contaminação ocorre por contato pele a pele ou com material contaminado ou por gotículas.

A doença, descoberta nos anos 1970 em crianças, se expressava com muitas bolhas na pele, que surgiam todas ao mesmo tempo, acompanhadas de mal-estar e febre. Mas o padrão mudou. “O que a gente começou a ver: lesões únicas, às vezes em região genital; às vezes, em mucosa oral; lesões que apareciam em diversas ordens. Ou seja, muito mais parecida com a catapora do que com a varíola

tradicional”, informou o docente. “E também a ausência de sintomas importantes: de mal-estar, de febre. Esse padrão é diferente do que a gente vinha estudando”.

Um alento é que já foram criadas vacinas antivariolíticas eficazes. O problema é que elas não estão mais disponíveis em grande escala. A varíola humana foi erradicada no mundo em 1980 e a vacina contra a doença parou de ser aplicada no Brasil em 1979. “A maior parte da população afetada está na faixa de 38 anos. Isso nos dá uma sinalização de que há uma proteção funcionando para quem foi vacinado. Pelos dados que temos no momento, a população vacinada não será prioridade”, afirmou a professora Clarissa Damaso, que lidera o grupo de trabalho da UFRJ para o enfrentamento da doença, composto em maio deste ano.

A recomendação da OMS é vacinar preventivamente profissionais de saúde e de laboratórios que estão lidando com o vírus e os contactantes dos infectados. A OMS diz que os riscos e benefícios da vacinação direcionada também devem ser avaliados para grupos vulneráveis, como pessoas imunossuprimidas, crianças e mulheres grávidas. Ainda não existe imunizante no país. “Não há vacina para todo mundo. Os fabricantes não tinham previsão de produção para uma doença que afetasse o mundo todo”, observou Clarissa. (Kelvin Melo)



ARCADAS, RUAS E PRAÇAS

> Com a alegria de quem está do lado certo da História, defensores da democracia não ficaram em cima do muro e ocuparam universidades e espaços públicos para dizer não ao golpismo e às trevas



■ Em várias cidades brasileiras, a população se manifestou nos atos em defesa das instituições democráticas e contra as ameaças de ruptura emanadas do presidente Jair Bolsonaro, que ataca diariamente o sistema eleitoral brasileiro, consagrado por sua eficiência em todo o mundo. A leitura da Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito, na Faculdade de Direito da USP, foi o ponto alto das manifestações: como mostram as fotos que ilustram esta página, ela saiu das arcadas, ganhou o Largo de São Francisco e tomou o país.